

O DIREITO NAS ESTÓRIAS

COORDENADORES

Ricardo Peake Braga
Marina Bevilacqua de La Touloubre
Maurício Felberg

Justiça e Direito nas grandes obras da literatura

ABERTURA

Diogo Leonardo Machado de Melo

APRESENTAÇÃO

Frederico Prado Lopes

PREFÁCIO

Régis Fernandes de Oliveira

AUTORES

Cibelle Linero
Fábio Ulhoa Coelho
Ives Gandra da Silva Martins
José Fernando Simão
José Garcez Ghirardi
José Roberto de Castro Neves
Luiz Antonio Rizatto Nunes
Marcos Mairton
Marina Bevilacqua La Touloubre
Maurício Felberg
Paulo Briguet
Ricardo Peake Braga



EDITORA
IASP

OS POETAS DA FACULDADE DE DIREITO E A ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

Professor Emérito das Universidades Mackenzie, UNIP, UNIFIEO, UNIFMU, do CIEE/SP, das Escolas de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME, Superior de Guerra - ESG e da Magistratura do Tribunal Regional Federal - 1ª Região; Professor Honorário das Universidades Austral (Argentina), San Martin de Porres (Peru) e Vasili Goldis (Romênia); Doutor Honoris Causa das Universidades de Craiova (Romênia) e das PUCs-Paraná e RS, e Catedrático da Universidade do Minho (Portugal); Presidente do Conselho Superior de Direito da FECOMERCIO - SP; ex-Presidente da Academia Paulista de Letras - APL e do IASP - Instituto dos Advogados de São Paulo

A Faculdade de Direito do Largo São Francisco, a primeira Instituição Universitária a funcionar no Brasil, - pois embora criada no mesmo dia que aquela de Olinda, em Pernambuco (11/08/1827), começou suas atividades acadêmicas antes -, sempre teve em seus bancos grandes poetas nacionais, até os dias atuais.

É que, assim como para o poeta, a palavra é a grande ferramenta do advogado e considero, pessoalmente, a maior arma da democracia.

Desde os primeiros tempos, os grandes vates nacionais cursaram Direito nas Arcadas.

Os três maiores poetas românticos do Brasil (Castro Alves, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela) frequentaram as aulas dos nossos primeiros lentes, mas foram todos levados por morte prematura. Lembro palestra proferida em Porto Ferreira por Dalmo Florence, o grande e esquecido poeta do nosso tempo, em que dizia que "a soma da idade dos três não completa um século quando no Brasil tantos morrem com mais de cem anos".

Castro Alves foi o grito poético contra a escravidão, Álvares de Azevedo a versão byroniana na poesia brasileira e Fagundes Varela o cantor de nossas belezas.

Os três sempre tiveram mais vocação literária que jurídica, ao ponto de Fagundes dizer, quando no terceiro ano do curso:

A tristeza de meu lado,
Que funda melancolia,
Passei os anos sentado
Nos bancos da Academia.

Castro Alves, um romântico apaixonado pelas mulheres e pelas boas causas, disse em um de seus poemas:

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar;

Álvares de Azevedo, paulista, foi quem morreu mais jovem. Imaginava-se, como se fosse Lord Byron e a ele, quando secretário da Academia de Letras da Faculdade, compus este poema:

HOMENAGEM AO POETA ÁLVARES DE AZEVEDO

Quando os passos do tempo pelo Eterno
Ecoarem perdidos e distantes,
Na senda desconhecida,
E quando, em estações, um só inverno
Cobrir todo o planeta, como dantes
De ter brotado a vida,

Ainda há de restar, viva semente,
Pela serenidade do deserto
Em salmidez tranquila,
O canto de quem teve a chama ardente
De provar que da morte foi liberto
E a morte n'aniquila.

Tangeu febril a lira aos vinte anos,
Poeta e sonhador, amando a vida
Gozada em festivais.
Mas do destino presa, em desenganos,
A viu, desesperado, convertida
E para nunca mais.

Buscou o peso, então, das sepulturas,
Para esconder do mundo o seu segredo
No ventre do infinito
E o lodaçal das casas mais impuras
Partiu a procurar ainda cedo
Por seu cântico aflito.

Disse vagar na vida, sem conforto,
Esperando um amor, de noite e dia,
Amor que lhe não veio.
E farto se sentiu como que morto,
Nos esgares sanguíneos da agonia,
Surgidos dentre o seio.

A tosse doentia por seus lábios,
Quando os versos fazia, o rosto pálido,
A vista lhe nublava
E abandonava a rota dos mais sábios,
Nestes momentos, gargalhando, esquálido,
A vida tendo escrava.

Era seu coração de menestréis,
Mas curvou-se dos males aos impérios
E os males decantou,
Trazendo imagens podres de bordéis
E caveiras dançando em cemitérios
Ao modo de Marlowe.

Sonhou, ledoo poeta, palpitante
A existência toda uma princesa
Num amor momentâneo
E o sonho seu amou, como se Dante,
Mas o tempo o seu sonho de certeza
Espanou-lhe do crânio.

Das mulheres, de Deus e de si mesmo
Esquecia-se, assim, perdido o escopo
De vate solitário,
Povoando o sombrio de seu esmo
Na morbidez senil de um Conde Lopo
E crimes de um Macário.

Não vivia. Sonhava. Mas a idade
O peito transformou-lhe na caverna
Que a tumba o levaria
E, descrente, cantou poema ao frade
E profeta escreveu numa taverna
As noites de seu dia.

Porém, já quase findo o seu tormento,
Sentiu inda a pureza da distância
Lançada sempre ao mar
E disse, recurvado ao triste evento,
Refletindo nos olhos sua infância
O peito a soluçar,

"Perdoa-me, Senhor! O errante crente
Nos desesperos, em que a mente abrasas,
Não o arrojes p'lo crime.
Se eu fui um anjo que descreu, demente,
E, no oceano, do mal rompeu as asas,
Perdão! Arrependi-me".

28/09/1956

O parnasianismo também teve seus luminares cursando a Faculdade, talvez, Olavo Bilac sendo sua maior expressão. Mestre da forma, também apaixonado pelas mulheres ao ponto de dizer num soneto: “eu tenho amado tanto, sem conhecer o amor” em clássica lembrança.

Tinha, com o grupo da Confeitaria Colombo, um humor semelhante a de Emílio de Menezes. Certa vez, num banco de praia de Copacabana, sentado que estava, a mãe de um garotinho, ao ver o grande poeta, pediu que o menininho fosse pedir um autógrafo, dando-lhe papel e lápis. O menino foi e voltou com os seguintes versos:

Criança, bonita e meiga,
Para os pais anjo celeste
Para os outros uma peste
Que emporcalha de manteiga
As caças que a gente veste.

No Movimento de 22, tivemos Menotti del Picchia, também nosso amigo e de nossa família, casado com a pianista Antonieta Rudge. Foi acadêmico, deputado e romancista. Escreveu um romance futurista sobre a Amazônia e eternizou-se com o Juca Mulato. A primeira crítica que tive em jornais, pelo meu primeiro livro de poesias (Pelos Caminhos do Silêncio), foi de Menotti del Picchia em 1956.

A Academia Paulista fundada em 1909, sempre teve acadêmicos que honraram aquele sodalício formado pela Academia do Largo do São Francisco.

O Movimento conhecido na história como “Geração de 45”, fundado por Geraldo Vidigal com seu livro “Predestinação” prefaciado por Mário de Andrade em 1945, teve na sua origem poetas acadêmicos de nossa Faculdade.

Dediquei a minha primeira Conferência na APL – ainda não era acadêmico da Instituição – a três poetas da Geração de 45, Conferência esta publicada na Revista da Entidade, a saber: Geraldo Vidigal, Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio, todos formados em Direito pela nossa Faculdade.

Concorri com muitos poetas de Portugal, Brasil, Angola e Moçambique aos “Jograis Florais”, na categoria de poesia épica, com o poema “Marabá” em 7 cantos, dividindo o primeiro prêmio com o então já acadêmico Domingos Carvalho. Este tem um poema memorável que começa “Cavalos já foram pombos”, inspirando-me a escrever, depois, o poema que transcrevo:

CAVALOS

Cavalos cavalgam nuvens,
Cavalgam nuvens d’antanho,
Nuvens d’antanho despertam
Cavalgadas sem tamanho.

Cavalos cavalgam sombras,
Cavalgam sombras sem fim,
Sombras sem fim descortinam
Cavaleiros no jardim.

Cavalos cavalgam mares,
Cavalgam mares redondos,
Mares redondos desvendam
Cavalos que foram pombos.

Cavalos cavalgam campos.
Cavalgam campos e montes.
Campos e montes despencam,
Cavalos cavalgam fontes.

Cavalos cavalgam tempos,
Cavalgam tempos de fada,
Tempos de fada descobrem
Cavalos na madrugada,

Cavalos cavalgam noites,
Cavalgam noites de espaço,
Noites de espaço despontam
Cavalos mordendo o passo.

Cavalos cavalgam sempre,
Cavalgam sempre sem rito,
Gerando, seus cavaleiros,
Cavalgadas no infinito.

04/06/95.

Quase toda a Geração de 45, que entrou na APL, era constituída por egressos do Largo de São Francisco.

Paulo Bomfim, meu querido amigo desde 1955, cursou a Faculdade de Direito, tendo um museu a ele dedicado no Tribunal de Justiça de São Paulo. Sonetista, tanto na forma Shakespeareana quanto na Petrarquiana, prescrutava o interior de sua alma poética desde seus primeiros livros de forma admirável, como se vê nesta quadra introdutória do Soneto:

Ponte suspensa sobre o grande abismo
Dentro de mim caminha, passo a passo,
Há sombras que se agitam quando cessas
Em outras dimensões fora do espaço.

Quando ingressei em 1992 na APL, sendo hoje decano da Academia, convivi com acadêmicos como Geraldo Vidigal, Péricles Ramos, Domingos Carvalho, Lygia Fagundes Telles,

membros do Instituto dos Advogados que, fundado em 1974, sempre teve nos seus quadros membros da APL e da FDUSP.

Fui quem apresentou para a Instituição Mário Chamie, tendo também patrocinado a candidatura de Renata Palottini, outra reconhecida poetisa – continuo preferindo esta denominação a de poeta para as mulheres – formados no Largo de São Francisco.

Quero, entretanto, ao encerrar estas breves reminiscências da ligação entre a FDUSP e a APL, lembrar um poeta à época admirado por todos de sua geração, que homenageei quando presidi o Clube da Poesia em 1995, fundado por Cassiano Ricardo e seu primeiro presidente, que foi Dalmo Florence. Mais poeta, que vocacionado para o Direito, com um humor admirável e não agressivo, compôs um poema que deveria constar de todas as antologias poéticas: "Maneco".

Dividindo em partes, começava com a seguinte quadra:

Maneco não era o tipo
Que se pode imaginar,
Pintou a lua de verde,
Depois não sabia amar.

Na segunda parte dizia:

Maneco nasceu poeta
Tinha sonho aos milhares,
Um papagaio vermelho
E outro azul, cortando os ares.

No dia das quatro rosas
Como sói acontecer,
Maneco sonhava sonhos
Que não podia viver.

Em homenagem ao velho amigo, companheiro de tertúlias e de boemias sadias dediquei um poema, imaginando um amigo de Maneco, com o título de Carlos. Dizia na primeira parte:

O Carlos foi um dos tipos
Que o Maneco conheceu,
Vivia a vida sonhando
Num sonho que não viveu.

Na segunda parte - o poema conta com três partes, assim como "Maneco" - começa:

O Carlos quis ser um dia
Feliz como os mais felizes
E resolveu, como os outros,
Conhecer outros países.

E, na última parte, desiludido no amor como Maneco, descrevi o Carlos:

Um dia, porém, o Carlos
Sentiu amor de verdade
E entregou-se, mas ingênuo,
Perdeu-se na própria idade.

O Carlos chorou perdido
E não chorou por chorar
Pois, poeta e sonhador,
Tinha vergonha de amar.

Tinha vergonha de tudo,
Por isto, pôs-se a chorar
Como a lua chora estrelas
Quando é noite de luar.

E não teve nunca mais
Coragem de conquistar
Sonhava a mulher perfeita
Mas nunca a sabia achar.

Fosse na terra que tinha,
Fosse mesmo além do mar,
E foi vivendo mal sonho
Mal sonho por desvendar.

E foi buscando na vida,
O que nasceu p'ra buscar
E, por mais que ele buscasse
Não soube a busca encontrar.

Dalmo faleceu muito cedo, com 43 anos. O Jornal de Mairiporã (de 10/03/1973), publicou seu último poema para mim dedicado, pedindo que o visitasse. Segue a última quadra de seus versos:

Venha, pois, que num momento
Recordaremos outrora
Há papagaios ao vento
Azuis e verdes agora

17/01/1973

Recebi o jornal, programei a viagem para visitá-lo no fim de semana, mas o querido amigo morreu antes. Não o sabia tão doente (leucemia) e até hoje sofro ao pensar que não pude dar meu último abraço, pois sempre o admirei como poeta, como homem de uma peça só e como o verdadeiro símbolo de poesia nas Arcadas.